

EXPOSIÇÃO

«CASA DOS LIVROS DE BEJA» DOAÇÃO DE FREI MANUEL DO CENÁCULO À REAL BIBLIOTECA PÚBLICA DA CORTE

INAUGURAÇÃO 1 DE MARÇO 2006

Exposição «Casa dos Livros de Beja» Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte Inauguração 1 de Março 2006	1
Frei Manuel do Cenáculo e a Criação da Biblioteca Pública	2
A «Casa dos Livros de Beja».....	3
A Biblioteca Pública no Terreiro do Paço.....	4
Carta de Doação	5
Breve Cronologia de Fr. Manuel do Cenáculo, 1724-1814.....	6
Índice das Imagens Associadas à Exposição.....	7
Música Ambiente Seleccionada para a Exposição.....	8



FREI MANUEL DO CENÁCULO E A CRIAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA

«A viagem a Roma em o anno de cincoenta [...] me fará sempre apregoar em quaesquer ramos de litteratura, que foi uma disposição effiacissima para o bem das letras na Provincia. As famosas Bibliothecas, que se representarão à nossa curiosidade nas Cidades eruditas da nossa passagem, levantarão milhares de idéas que se começarão a reproduzir, como o tempo hia permittindo».

Indo a Roma, para assistir ao Capítulo Geral da Ordem de São Francisco em 1750, Frei Manuel do Cenáculo, então jovem professor de Coimbra, visitou as Bibliotecas de Itália, França e Espanha, dando-se conta dos progressos científicos e literários da época. A experiência foi indelével para a sua orientação marcadamente iluminista; e, um quarto de século depois, ainda invocava o «vasto mar de notícias» que então colhera. Os assíduos contactos literários com eruditos seus contemporâneos seriam nucleares para as bibliotecas que criou em Lisboa, no Convento de Jesus e na Real Mesa Censória, em Beja e em Évora, nas últimas etapas da sua vida.

Na segunda metade de Setecentos, o panorama do país era desolador quanto a «estabelecimentos literários», desaparecidos na voragem do Terramoto, incluindo a Biblioteca Real que atingira o auge da grandeza com o Magnânimo D. João V e cuja reconstituição estava em marcha, tendo o próprio Cenáculo feito valer os seus bons ofícios junto de Barbosa Machado, outro grande erudito do reino, para que destinasse a sua escolhida Livraria a esse fim.

No âmbito da Mesa Censória, atribuiu-se a missão de instituir uma Biblioteca Pública à altura das maiores da Europa que abrisse as suas portas a curiosos e eruditos, e apoiasse o trabalho dos Censores. Neste empreendimento Fr. Manuel do Cenáculo imaginou e teve o maior êxito em conseguir os meios materiais amplíssimos que tais tarefas exigiam, através do imposto designado por «Subsídio Literário» (1772) cuja arrecadação tinha, entre outros:

Primeira aplicação: a compra sucessiva, e inextinguível de livros para a Bibliotheca Publica [...] chegue a formar não somente huma das primeiras Bibliothecas da Europa, mas tambem que seja decorada de preciosos Manuscritos, e dos Livros mais raros, e escolhidos.

Segunda aplicação: a composição de hum Muzeu de Raridades, para o que dão hoje exemplos, e estímulos de Sciencia e de paixão as Nações cultas; mas que brevemente hajão de receber os mesmos, e mais significantes exemplos desta Capital».

Estas linhas programáticas anunciavam o plano ambicioso e dinâmico para a Biblioteca que contou, desde o início, com os fundos das Livrarias da Companhia de Jesus (expulsa do país em 1759). Além de outros destinos, a reunião das livrarias dos colégios e casas dos Jesuítas

numa biblioteca pública permitia tornar a Real Mesa Censória numa das melhores da Europa, além disso com meios económicos para a «compra sucessiva e inextinguível de livros e manuscritos» inexistentes e conseguindo autorização para vender livros «duplicados»

e comprar outros recentes, tanto no mercado livreiro da época como em leilões cujas listagens eram enviadas a Fr. Manuel do Cenáculo para escolher «algumas edições raríssimas que não deviam perder-se» para a Biblioteca da Mesa, destino «preferível à Biblioteca Real».

A «CASA DOS LIVROS DE BEJA»

De entre os vários núcleos fundacionais da Casa que é hoje a Biblioteca Nacional, serve de objecto à presente exposição o importante conjunto que constou de uma Doação feita pelo próprio Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte antes desta «abrir ao público», em 1796-97, e cujos catálogos próprios foram elaborados por António Ribeiro dos Santos, lente de Coimbra e ex-bibliotecário dessa Universidade, que foi o primeiro bibliotecário-mor da instituição criada por Alvará de 29 de Fevereiro de 1796, passam hoje 210 anos.

Em carta datada de 27 de Setembro de 1796, Frei Manuel do Cenáculo, então Bispo de Beja e afastado do centro da Corte régia, anuncia a Ribeiro dos Santos a intenção de «concorrer muito de graça com algum sortimento» para a Real Biblioteca, doando-lhe uma «destroçada livraria» que possuía. Tal colecção, cujo «Catalogo Methodico dos Livros» o próprio Ribeiro dos Santos elaborou a à qual viria a chamar «Casa dos Livros de Beja», além de volumosa, é valiosíssimo núcleo de raridades bibliográficas classificados nas áreas das Belas Letras, da Filosofia (como vasta área dos saberes que inclui várias disciplinas científicas ainda, então, não autonomizadas), das Ciências Cíveis e Políticas, da História, com obras de autores antigos como contemporâneos do doador, manuscritos e impressos, por vezes em edições e exemplares únicos no mundo.

A BIBLIOTECA PÚBLICA NO TERREIRO DO PAÇO

A 29 de Fevereiro de 1796, sob o reinado de D. Maria I, era dado o «Alvará, pelo qual Vossa Magestade He Servida, e manda que na Corte, e Cidade de Lisboa se estabeleça huma Livraria publica com nome de = Real Biblioteca Publica da Corte».

Diferentemente das bibliotecas europeias suas congéneres, não se tratava de reservar a sábios, eruditos ou curiosos os tesouros manuscritos e impressos, mas procurava facilitar-se, no mais curto prazo de tempo, o acesso aos seus acervos a todos os interessados. Tal vocação pública, portanto a dos fundos que incorporava, remontava a décadas anteriores quando Frei Manuel do Cenáculo projectou, sob os faustos da época pombalina, a Biblioteca da Real Mesa Censória que, desde os seus fundamentos, tivera expressamente o cariz institucional de Biblioteca Pública, então separada da da Corte. Mas esta, com a chamada «Viradeira», veio a centralizar os anteriores projectos.

Coube ao primeiro Bibliotecário-Mor (1796-1816), o desembargador António Ribeiro dos Santos, a organização da instituição e a sua projecção cultural, com o pendor erudito próprio de Setecentos, assim como as grandes linhas da sua dinamização futura. A Real Biblioteca Pública da Corte abriu em 16 salas de um pavilhão na ala ocidental do Terreiro do Paço, albergando os fundos cuja ampliação passou a beneficiar de Depósito Legal, instituído em 1805.

Com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, afluíu à Biblioteca grande parte do espólio das livrarias conventuais. Esse afluxo e a mudança das instalações do Terreiro do Paço para o edifício do Convento de S. Francisco marcaram já a passagem para um novo período da história da Instituição, que demorou longas décadas a assimilar tal crescimento imprevisível.

CARTA DE DOAÇÃO

Ao Principe Nosso Senhor

Rogo eu Bispo de Beja humildemente seja servido aceitar a livre doação, que faço á Real Bibliotheca Publica de Lisboa pelo seo inspirado estabelecimento eu [sic] utilidade, e credito nacional, dos livros, em que me pareceo haver dignidade, raridade, e de alguma proporção, os quaes separei daquelles, que para os estudos propios desta diocese nella se devem conservar, não havendo nesta dilatadissima provincia livraria alguma publica, sendo necessaria a cada instante: assim como tambem comprehendo na mesma doação, pelo meo amor patrio o monetario de mais de trez mil medalhas não duplicadas, de cobre, prata, e ouro, em que ha rarissimas, algumas desconhecidas, e gregas, e outras raridades dignas do Museo Real, e Publico, pois que o animo do bom, e augusto Principe não he para menos do que repetir em sua felicissima Corte o Museo de Alexandria; e tanto mais quanto vejo não hir a coiza a precipitar-se por descuidos, e froxidões, mas sim estar entregue a hum prefeito de vocação notoria para tão grande obra, acompanhado de pessoas inteligentes, e activas, que hão-de conservar, melhorar, e augmentar hum instituto pelo qual tem chamado os votos de todos os bons, e zelozos patriotas.

E quando o mesmo senhor, de indole beneficentissima se digne approvar, e aceitar esta demonstração das minhas inclinações ao credito nacional, e queira favorecer-me, eu pediria a Sua Alteza Real em consideração do que tenho dispendido com a minha Igreja no espaço de vinte e sette annos, me fizesse a outra graça, a exemplo do Prezidente e Deputados da Real Meza da Commissão extincta, e mandasse dar-me os cahidos, e continuar na forma, que parecer justa ao mesmo senhor, os meos ordenados, e pois que nella fui Prezidente desde o anno de mil settecentos, e settenta até mil settecentos settenta, e sette com as fadigas, que não desmerecem contemplação, e creando por nova forma as Escollas Menores com muito esplendor; e ao mesmo tempo fui Prezidente do Subsidio Litterario, cuja colheita, e arrecadação creei com muita vantagem da Fazenda Real, e meios para esta se não gravar. E como a tudo excede a graça do melhor dos Principes, a ella me conformo com a submissão de dependente, e respeito de fiel vassallo.

Beja em 24 de Março de 1797

Frei Manoel Bispo de Beja

BREVE CRONOLOGIA DE FR. MANUEL DO CENÁCULO, 1724-1814

- 1724 – Nasce a 1 de Março, em Lisboa, no seio de uma família de pequenos artesãos
- 1739 – Toma o hábito de franciscano na Ordem Terceira da Penitência
- 1740 – Professa no Convento de Nossa Senhora de Jesus, com o nome de Fr. Manuel do Cenáculo
- Inicia os estudos de Filosofia em Coimbra, no Colégio de S. Pedro e de Teologia na Universidade
- 1749 – Recebe o grau de Doutor em Teologia
- 1750 – Torna-se Lente da Universidade de Coimbra
- Efectua uma longa viagem a Roma, para assistir ao Capítulo Geral da sua Ordem
- 1755 – Após cinco anos de magistério em Coimbra, regressa a Lisboa, ao Convento de Nossa Senhora de Jesus
-
- Desempenha vários cargos de maior ou menor relevo, tais como: Cronista da Ordem; Examinador das Igrejas e Benefícios das Ordens Militares; Qualificador do Santo Offício; Capelão-Mor das Armadas Reais...
 - Dedicar-se afincadamente ao estudo das Línguas Orientais e da História Literária
- 1768 – Nomeado Provincial da Ordem Terceira da Penitência (em funções até 1777)
- Provido como Deputado da Real Mesa Censória, recém criada
- 1769 – Promove a Reforma da sua Província, publicando o respectivo Plano de Estudos
- 1770 – Eleito e sagrado Bispo de Beja
- Nomeado Presidente da Real Mesa Censória
- 1771 – A direcção das Escolas Menores e do Real Colégio dos Nobres é entregue à Real Mesa Censória
- Nomeado Presidente da Junta do Subsídio Literário, acabada de instituir
 - Torna-se membro da Junta da Providência Literária encarregada da Reforma da Universidade de Coimbra
 - Acumula, com os outros cargos, o de Preceptor do Príncipe D. José, primogénito da herdeira do trono (D. Maria), neto do Rei D. José
- 1777 – Retira-se para Beja, dedicando-se exclusivamente ao governo da sua Diocese
- 1802 – Nomeado Arcebispo de Évora, cidade onde fixa residência
- 1805 – Funda a Biblioteca Pública de Évora
- 1812 – Torna-se Membro honorário da Academia Real das Ciências
- 1814 – Morre no dia 26 de Janeiro

ÍNDICE DAS IMAGENS ASSOCIADAS À EXPOSIÇÃO

cod-11522-impares006.jpg	Catálogo da Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Biblioteca Pública, Tomo I (folha de rosto)
cenaculo-retrato.jpg	Frei Manuel do Cenáculo, Mecenas da Biblioteca Pública (Retrato a óleo sobre tela. Anónimo. Escola Portuguesa, séc. XVIII)
il-116.jpg	<i>De La Thoysen d'Or</i> , de Guillaume Fillâtre, códice iluminado do séc. XV
cam.198_p.jpg	<i>Os Lusíadas</i> 1ª edição fora de Portugal, 1580
HG-8241 A005.jpg	<i>Dictionaire Historique et Critique</i> de Pierre Bayle, 1740
mapa_peq.jpg	Pormenor do Terreiro do Paço onde se situava a Real Biblioteca Pública retirado de <i>Planta de Lisboa</i> de J. C. Murphy, 1785

As imagens associadas à exposição «**Casa dos Livros de Beja**» **Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte** estão disponíveis em alta resolução no seguinte endereço <http://csocial.bn.pt/cenaculo>.

MÚSICA AMBIENTE SELECCIONADA PARA A EXPOSIÇÃO

Órgãos Históricos em Lisboa

CD I Igreja de S. Vicente de Fora

1. Frei Domingos de São José (Séc. XVII): Obra de 5.º tom
2. Pedro de Araújo (fl. 1662-1668): Meio registo [de 2 tipples] de 3º tom
3. Id.: Obra de passo solto de 7.º tom
4. António Carreira (ca 1530-ca 1594): Fantasia a 4 de 1.º tom
5. Manuel Rodrigues Coelho (ca 1555-ca 1635): Segundo Tento do 2.º tom
6. Anónimo (Séc. XVII): Batalha de 6.º tom
7. José Leite da Costa (fl. 1709-1712): Obra de 2.º tom
8. Carlos Seixas (1704-1742): Sonata n.º 76 em lá menor
9. Anónimo (Séc. XVIII-XIX): Discurso para órgão (1805)
10. Anónimo (Séc. XVIII): Tocata para corneta e clarim (ca 1772)
11. Frei Francisco de São Boaventura (fl. 1773-1802): Sonata em Sol Maior
12. Anónimo (Séc. XIX): Sonata para órgão em Dó Maior

João Vaz, órgão

CD II Basílica de Mafra

1. Pedro de Araújo (fl. 1662-1668): Fantasia do 4.º tom
2. Anónimo (Séc. XVII): Modo de Batalha com suas tréguas
3. Manuel Rodrigues Coelho (ca 1555-ca 1635): Terceiro Tento do 1.º tom
4. Anónimo (Séc. XVII): Obra [de meio registo de 2 tipples de 1.º tom]
5. Anónimo (Séc. XVII): Obra de 6.º tom para o levantar do Deus
6. Anónimo (Séc. XVII): Tento [de 6.º tom]
7. Frei Manuel Elias (fl. 1767-1800): Sonata em Fá Maior (Allegro; [Largo]; [Allegro])
8. Frei Jacinto do Sacramento (ca 1712-?): Sonata em ré menor
9. Anónimo (Séc. XVIII): Sonata em sol menor (Allegro; Adagio; Allegro)
10. Francisco Xavier Baxixa (?-1787): Sonata em Ré Maior

Rui Paiva, órgão

PORTUGALIAE MONUMENTA ORGANICA II / HISTORIC ORGANS IN LISBON,
João Vaz, Rui Paiva, CD Philips 528 582-2, 1995